

**APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA 2019.2**

No momento em que o Ministro da Educação, sem um fiapo de evidência que suporte sua denúncia, afirma que as universidades federais têm plantações extensivas de cannabis sativa e utilizam seus laboratórios para produzir drogas sintéticas, torna-se ainda mais importante ressaltar qual é a produção das universidades. A revista Água Viva prossegue comprometida com divulgação dos resultados das pesquisas de professores e alunos de graduação e pós-graduação, parte importante de sua formação e exercício como pesquisadores, como profissionais e como cidadãos. Assim, o presente número traz as contribuições de vários pesquisadores, de acordo com suas áreas de pesquisa.

Iniciando, temos a contribuição de Ana Paula Cantarelli, com o artigo intitulado *A CONSTRUÇÃO NARRATIVA EM TRÊS ESTÓRIAS DA TERRA, DE ERASMO LINHARES: O CASO DO NARRADOR ZECA-DAMA*. O artigo traz uma análise da figura do narrador em uma das três partes da obra analisada, uma coletânea de contos escrita pelo amazonense Erasmo do Amaral Linhares. O aporte escolhido é lastreado em Benjamin, Adorno e Ginsburg, para a conceituação da instância do narrador, bem como Santos e Silva, para situar a obra na literatura amazonense. Zeca-Dama, o narrador, é nordestino, como parte significativa dos habitantes da região norte; igualmente, é um fugitivo da justiça, e fala, utilizando regionalismos que aproximam a narrativa da oralidade, sobre o cotidiano que também é compartilhado: solidão, trabalho análogo ao escravo, natureza impositiva. No entanto, ao contrário do que geralmente acontece na literatura da selva, esse narrador não convencional recorre ao humor, operando uma carnavalização da dureza da vida naqueles rincões. A natureza do narrador, um homem pobre, nordestino, cuja fala ecoa a oralidade, e destacada em sua excepcionalidade, visto como, via de regra, os narradores da literatura brasileira serão urbanos, de classe média, e seu registro se afasta da oralidade, desprezando-a. Cantarelli destaca que, longe de ser um movimento isolado, a constituição de um narrador subalterno se insere em um movimento maior que se alastra pela literatura brasileira desde a década de 1960, a de abandonar as formas convencionais de narrativa e dar voz aos excluídos da sociedade.

Ainda sobre a literatura da selva, Flávia Roberta Menezes de Souza apresenta *A NARRATIVA DE OS HABITANTES DE DALCÍDIO JURANDIR: UM OLHAR SOBRE O DIÁLOGO E A ORGANIZAÇÃO DAS VOZES*. O artigo versa sobre o romance de Jurandir,



contrastando a primeira recepção do romance, contemporânea de seu lançamento, que destaca as facetas tanto do regionalismo quanto da inovação na linguagem, com a possibilidade crítica posterior, efetuada pela autora, de se utilizar um referencial teórico mais sofisticado em sua análise. Ela opta por utilizar o conceito de voz, em Genette, pela possibilidade de discutir ao mesmo tempo a construção da narrativa e as referências históricas presentes no texto. A autora chama a atenção para as muitas narrativas iteradas por um outro personagem, inseridas no romance, que tem um narrador heterodiegético. Igualmente, o conceito de romance polifônico, de Bakhtin, será utilizado, uma vez que os personagens se constroem na interação uns com os outros. É através da voz e da memória do irmão que Luciana, uma das personagens, que desaparece no início do romance, é presentificada.

Francisca Marciely Alves Dantas e Francisco Renato Lima, em *DO SILÊNCIO PERTURBADOR AO GRITO POÉTICO*, apresentam as correntes que a literatura portuguesa abrigou durante o salazarismo, mostrando suas linhas de continuidade com a literatura pós-ditadura, a que se lançou a reconstruir o país através de seu mister, a partir da Revolução dos Cravos. Como aconteceu no Brasil, podemos acrescentar, houve um primeiro momento de estupefação e de silêncio após o fim da ditadura. O fim da ditadura implicou o fim das guerras coloniais e, portanto, da fantasia persistente do império português, o que forçou os escritores a olharem pra dentro das fronteiras do país. Se durante o salazarismo, o experimentalismo formal conviveu com o registro realista, após a revolução dos Cravos a literatura revisita a identidade portuguesa, revendo mesmo momentos cruciais da história do país, através de uma linguagem que também se reinventa.

O ESPAÇO HIPERTEXTUAL E O TERCEIRO PICTURAL EM S. SEBASTIÃO, DE JOAO MIGUEL FERNANDES JORGE, de Lucca de Resende Nogueira Tartaglia, analisa o poema *S. Sebastião*, de João Miguel Fernandes Jorge, contrastando-o com o quadro homônimo, de Clemente Sánchez, a partir da conceituação elaborada por Claus Cluver, e do conceito de terceiro pictural, de Liliane Louvel, bem como de hipertextualidade e de evento de leitura.

Seguindo na análise combinada de textos literários e textos pictóricos, temos *UM ESBARRO TITUBEADO NO NARRADOR EVANESCENTE*, de Daniel Augusto do Nascimento Batista, que põe frente a frente o conto *O Espelho*, de Guimaraes Rosa, e o quadro *As Meninas*, de Velasquez. Em ambos os textos, o narrador não consegue ver a si mesmo – no conto de Rosa, ele envida esforços para ver sua essência em espelhos ao longo da vida, e falha. Na pintura, o narrador está presente em uma imagem embaçada, encoberta por uma névoa.



Ambos os narradores só conseguem se definir de forma relacional, a partir do que os rodeia, de forma inessencial portanto.

Ainda no cruzamento entre linguagens, Cacio José Ferreira, Norival Bottos Júnior, Akashi Hashimoto e Rebecca Abensur Bastos apresentam PALAVRAS E IMAGENS EM UM UNIVERSO DUPLICADO: UMA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DE 1Q84, DE HARUKI MURAKAMI. O artigo apresenta o arsenal teórico que estabelece as possibilidades imagéticas providas por um texto literário e o aplica a 1Q84, de Murakami. O romance apresenta da vida cotidiana do Japão, mas repleta de vários elementos *nonsense*. Com base não apenas no livro mas em outras fontes abalizadas, alguns elementos ficcionais, como personagens – apresentados através das citações que os descrevem – e espaços, descritos em uma tabela, são vertidos para ilustrações.

Thiago André de Lacerda Francisco, em ÀS MARGENS DO TRANSCENDENTAL: O RIO MÍTICO E SUAS BIFURCAÇÕES NOS CONTOS DE FLANNERY O'CONNOR E GUIMARÃES ROSA, cruza as atualizações do arquétipo do rio em dois contos dos autores estudados. O aporte teórico é o da literatura comparada, acrescida do conceito de arquétipo. Em ambas as narrativas, por cima das diferenças de estilo e construção narrativa, o rio é o local onde os protagonistas se defrontam com eventos definidores em suas vidas. O rio – local de silêncio – é onde se presentifica a divindade, é o local de vida e morte que escapa à codificação das palavras.

A TOTALIDADE ÉPICA EM VIVA O POVO BRASILEIRO: PARA UMA AUTÊNTICA HISTÓRIA DO BRASIL, de Juliana Marafon Pereira de Abreu, Sara Lelis de Oliveira e Walter Guarnier de Lima Júnior, o romance de João Ubaldo Ribeiro é lido à luz do corpo teórico desenvolvido por Lucáks, bem como de conceitos vindos da obra de Walter Benjamin. Os autores afirmam que o romance apresenta uma história do Brasil não no sentido estrito do termo, mas no sentido de atualizar os princípios do gênero épico, e apresentar os conteúdos rasurados pela história oficial, o que acontece com aqueles que são silenciados nas versões oficiais. O romance traz à luz o que ficou nas sombras – a violência do Estado contra negros, índios, mulheres.

Na área do ensino de literatura, temos LITERATURA INDÍGENA NA ESCOLA: A TEORIA A FAVOR DA PRÁTICA NO ENSINO, de Leila Silvia Sampaio e Rosana Rodrigues da Silva, que propõe lançar um olhar decolonial à literatura escrita pelos indígenas brasileiros,



para bem treinar os professores no uso de tais textos. O corpo teórico utilizado para esse fim encontra-se em desenvolvimento, e o texto literário utilizado como ilustração é *As fabulosas fábulas de Iauraetê* (2007) de Kaká Werá Jecupé.

Seguindo com a área do ensino da literatura, Gleiser Mateus Ferreira Valério apresenta *A HISTÓRIA DO OUTRO PARA FALAR DE SI: DA LEITURA À ESCRITA AUTORAL E DE SI POR JOVENS NO ESPAÇO ESCOLAR*, no qual analisa a produção de alunos adolescentes no âmbito do projeto, de abrangência nacional, promovido pelo MEC, as Olimpíadas de Língua Portuguesa. Como aporte teórico para a análise da produção resultante do projeto, que intenta promover a literatura brasileira, foram utilizados conceitos elaborados por Michèle Petit, John Dewey, Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Wolfgang Iser. A leitura – e a escrita que estabelece intertextualidades com textos geradores – possibilita a experiência de outros lugares sócias e também uma volta a si mesmo. Dentro dessa perspectiva, o gênero memorialístico se mostrou profícuo. Tanto os textos literários geradores quanto os produzidos pelos alunos são analisados no corpo do artigo.

O último dos artigos aqui apresentados também se debruça sobre questões do ensino da literatura. *APORTES CRÍTICOS PARA UM LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA*, de Priscilla Lopes Béda Rodrigues e Renato de Oliveira Dering, partindo de textos de Cora Coralina e Christie Queiroz, para acessar a forma como a literatura é ensinada. Para tanto, serão utilizados textos acadêmicos sobre literatura infanto-juvenil de Proença Filho, Abramovich e Frantz, e de letramento, de Rildo Cosson. Também será abordada a forma como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta as questões relacionadas com a formação leitura no contexto escolar.

A seção literária traz *GOTÍCULAS DA ESPERA*, de Francisco Alves Gomes, um belo poema sobre as dilacerações do fim do amor.

Para concluir, entregamos aos leitores o presente número de *Água Viva*, que traz os resultados de pesquisa apresentados por colabores diversos, dentro da proposta de divulgação que é o esteio da revista.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes
Editora Chefe